

“A linguagem fala” – !?

Gilvan Fogel

1. “A linguagem fala” – isso se lê no ensaio de Martin Heidegger, intitulado *A linguagem*, que abre o livro *A caminho da linguagem*¹. Vamos tentar entender esta fala. Inicialmente, de cara, parece tratar-se de coisa esotérica. Ou estulta, à medida que redundante, tautológica. No entanto, cheios de *boa vontade*, acreditamos não tratar-se de nada nem estulto e nem esotérico. Por isso, arriscaremos apresentar um possível entendimento do *enunciado*, da frase. Circular, tautológica?! Círculo – *virtuoso*, talvez?!

A verdade é que Heidegger, com esta fala, pretende compreender a linguagem, diz ele, “nela mesma e desde ela mesma”. Isso, a saber, este “nela mesma e desde ela mesma”, evoca *experiência*. Falar da linguagem nela mesma e desde ela mesma é, pois, falar da linguagem desde e como *experiência da linguagem*. Portanto, falar, dizer e mostrar linguagem enquanto e como experiência elementar, arcaico-originária. Elementar, arcaico-originário fala de i-mediato. E experiência, aqui, fala de um ser tomado ou tocado, então, afetado, por um modo de ser, a saber, a própria

1. Cf. HEIDEGGER, M. *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003, trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback.

linguagem, de modo tal que o que se vier a ser ou a fazer, já será sempre fazer e ser desde, a partir deste toque, deste páthos ou desta experiência.

É isso, portanto, que precisamos fazer para compreender a fala “a linguagem fala”: *entrar* na experiência da linguagem. Entrar?! Então estamos *fora*?! E em uma experiência se entra?! Considerando a objeção, segundo a qual tal modo de falar ou de formular o problema da linguagem, seria, é uma mera, insípida e inócua redundância ou tautologia que não avança, que não leva a lugar nenhum, Heidegger responde: “Não queremos, porém, avançar, progredir, ir a lugar nenhum. Queremos ao menos uma vez chegar ao lugar em que já estamos”². Na verdade, não há um “fora” da experiência da linguagem. Justamente por tratar-se de experiência, já se está sempre *dentro*, isto é, sempre já tocado e tomado e, então, sempre já na dimensão, no horizonte, no *modo de ser* do toque, do afeto – a saber, linguagem. Quer dizer: sempre já tomado, tocado, levado por linguagem, desde linguagem. O *sempre já*, evocando o páthos ou afeto, evoca na verdade um *salto*. Salto e, então, círculo, circularidade – isto é, *inserção*. Justo este modo de ser, esta estrutura ou *forma*, decide por afeto, páthos. Então, “entrar”, aqui, quer dizer: conquistar este lugar, isto é, este modo de ser, esta *casa*, que já somos, na qual já estamos, a qual já habitamos. Fazer isso, conquistar isso, este modo de ser, será realmente habitar, “morar na linguagem”. Diz Heidegger: “Para pensar a linguagem é preciso penetrar na fala da linguagem a fim de conseguirmos morar na linguagem, isto é, na *sua* fala e não na nossa”³. “Na *sua* fala e não na nossa”, isto é, mais uma vez, é marcado que *a linguagem* fala. *A linguagem* e não nós, e não o homem. O homem não é o *sujeito* (o agente, a causa) da fala, da linguagem. Assim, por esta via, a saber, de procurar entrar na experiência da linguagem e, então, evidenciá-la como experiência (trata-se de descrever a experiência de experiência), ou seja, como *moradia*, morada – por esta via, continua Heidegger, a própria linguagem pode nos “confiar o seu modo de ser, a sua essência”⁴. Essência fala, pois, do modo próprio de ser, ou seja, fala da coisa, no caso, a linguagem, em sua própria gênese, em seu próprio “in statu nascendi”.

Insinua-se, desenha-se para nós um insólito caminho nesta andança, que é o esforço, o empenho pela compreensão da linguagem: cabe não ir a lugar nenhum, mas *entrar*, isto é, afundar e assim conquistar o e, desse modo, realmente morar *no lugar* que sempre já se está, o qual sempre já se é. E, claro, vem logo a pergunta: e

2. Cf. Op. cit., p. 8.

3. Op. cit., p. 9.

4. Idem.



que lugar é realmente este, a linguagem, no qual sempre já se está – mais: o qual sempre já somos? Por que e como a *linguagem*, e não nós, e não o homem, fala? É isto, é somente isto que queremos, que precisamos esclarecer ou explicitar, ao nos colocarmos a tarefa de entender a linguagem nela mesma e desde ela mesma – portanto, cumprir o propósito de realmente morar na *sua* (da linguagem) fala. Entrar no lugar, no qual sempre já estamos, o qual sempre já *somos*. Entrar, mesmo afundar na nossa própria *casa*, no nosso próprio e irremediável *lugar* – entenda-se, *essência*, determinação ontológica. Cumprindo este propósito, embarcando nesta viagem, de fato quer-se, precisa-se vir a ser o que se é, a saber, a própria vida, a própria existência. Sim, “vem a ser o que tu és”. Cumpra-se!

2. “A linguagem fala”. Surpreendemo-nos e exclamamos-perguntamos: a linguagem!? Não o homem?! Não. Está escrito e quer realmente ser dito: a *linguagem* fala. E o homem – como fica nisso? O que é o homem? Como? Fica insinuado, ele é *coisa* tardia. Se se quer, resultado, obra da linguagem. O homem vem a ser homem, ele faz-se ou torna-se homem a partir da linguagem, por obra e graça da linguagem. Isto está sub-dito.

Em geral, ao se falar de linguagem, pensa-se esta sempre como uma ação do homem (o *homem* fala) e em questão sempre estão comunicação e expressão. Comunicação e expressão de idéias, de impressões, de sentimentos. No dicionário se lê: “linguagem é qualquer meio sistemático de comunicar [e/ou expressar] idéias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais”. Ou ainda: linguagem é “qualquer sistema de símbolos ou sinais ou objetos instituídos como signos” e que assim vão “comunicar, expressar, exprimir”⁵.

Um sistema, isto é, um conjunto ou uma composição de sinais ou signos convencionais (isto é, palavra, nome é, seria sinal arbitrário, signo convencional), através dos quais (portanto, são instrumentos, a palavra ou o nome seria instrumento) o homem se expressa, se exprime - ou seja, expressa ou exprime suas idéias, impressões, sentimentos, desejos, pensamentos, reflexões. Neste contexto, predomina, em relação ao homem, a compreensão, segundo a qual ele já é sempre um algo constituído e de tal modo que sempre já é um *algo dentro* que, através da linguagem, se põe para *fora*, ou seja, um *dentro* que se exprime, se expressa. O *dentro* é o já feito, dado, constituído, p.ex., uma alma, ou um espírito, ou uma consciência, ou uma pessoa, ou uma *razão*. De qualquer forma, um *algo dentro*, nuclear. Enfim, uma substância ou

5. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 1183.

sujeito, que se expressa, que se exprime através da linguagem, enquanto e como um sistema de sinais, de signos convencionais, que é o instrumental capaz de “expressar as afecções da alma”.

3. Mas o homem – o que ele é? E o que é o real? Como se articulam, como se relacionam? Como é esta relação? Melhor: como é relação mesma, enquanto tal? São pólos, são termos que se referem mutuamente? Ou a relação mesma, enquanto tal, é *anterior* aos pólos, aos termos, e é ela que possibilita, que faz com que pólos e termos apareçam e se mostrem como termos e pólos ao olhar do desatento, do descuidado?

Sem a colocação destas questões e sem, de algum modo, respondê-las, não há, não pode haver conversa a respeito de nada, de *coisa* nenhuma. Por exemplo, sem alguma clareza quanto a estas questões, não se pode discutir responsabilmente o problema da linguagem. Pois estas questões, ou esta questão da relação que é homem-real, é um incontornável pressuposto para uma discussão realmente filosófica, isto é, uma discussão que, realmente, queira ver, entender as coisas desde suas raízes, desde seus fundamentos, quer dizer, desde o real direito de ser ou desde sua gênese ontológica.

Assim sendo, de saída, arrisquemos entender o homem como, originariamente, não sendo *coisa* nenhuma, *algo* algum. Quer dizer, originariamente, o homem não é nem alma, nem espírito, nem consciência, nem vontade, nem pessoa, nem razão, assim como tampouco qualquer *coisa* ou *algo*, isto é, determinação, que se presuma ser o contrário de tudo isso, como, p.ex., matéria, energia, corpo biofisiológico, reações eletroquímicas, base, fundo ou lastro bio-neuro-molecular etc. etc.

Originariamente, quer dizer, no seu insistente nascedouro, na sua persistente gênese ontológica. E isso quer ainda dizer: no seu modo próprio de ser que, a cada passo e a cada instante (a isso se referem os termos anteriores *insistente* e *persistente*) está re-acontecendo, re-fazendo-se e mesmo *re-sendo* e, assim, repetindo-se, retomando-se em sua própria gênese para ser, para poder ser. Originariamente diz, pois, no tempo de seu renascimento, de sua revitalização – o tempo da vida da vida. Então, retomando, originariamente, o homem não é *coisa* nenhuma, *algo* nenhum constituído, já dado, já feito. Nenhuma substância ou sujeito. E isso quer, pois, também dizer: nenhum *dentro* que venha a, que precise *ex-pressar-se*; nenhum *interior*, que precise se exprimir. Mas volta a questão: mas, afinal, o que é o homem? A pergunta pelo *que*, pela *quidditas*, incomoda. Não sendo nada, não sendo coisa ou algo algum, seria o homem um oco, um buraco – um puro buraco, um puro oco?! Puro?! Bem, de qualquer maneira, é preciso dar um nome, dar uma *cor* e um *tom* a este buraco, a este oco, satisfazendo, assim, a reclamação de uma direção de compreensão para



isso que parece um buraco, um oco inaugural, fundador, originário. A verdade é que este tal *puro oco* tem ou é um tutano, uma consistência, ainda que *coisa* ou *algo* algum. É só e tão só um *modo de ser*, então nada entitativo ou ocorrente, que é *ser possibilidade de ser* ou, melhor, *ser possibilidade de e para possibilidade*. Expliquemos.

Ser só e tão só possibilidade de ser quer dizer: antes de ser o que quer que seja determinada ou constituidamente (p.ex., alma, ou espírito, ou...; ou matéria, corpo físico-biológico), o homem, *isso* que chamamos homem, mostra-se como *um modo de ser*, que é disposição, pré-disposição ou aptidão (*abertura*) *para* ser tocado ou tomado (i.é, afetado) por um possível modo de ser de vida, de existência, o qual, então, enquanto e como ação, atividade de auto-exposição (= vida), vem a ser e se concretiza, realizando, ao mesmo tempo ou no mesmo ato, seja o homem (este ou aquele homem singular e determinadamente), seja esta própria abertura, possibilidade ou *verbo* do e no existir ou viver. Ao invés de *verbo* (que diz ação, atividade), posso dizer ou denominar esta tal possibilidade de *mundo*, isto é, um sentido, um *lógos*. Um tal sentido, mundo ou *lógos* (*verbo*), em sendo possibilidade de ser ou poder-ser, mostra-se, na verdade, como possibilidade de e para possibilidade, uma vez que tal *mundo* (ou *verbo*, ou sentido, ou *lógos*) ou possibilidade é movimento de auto-exposição ou aparição e, então, alteração, diversificação em si mesmo(a). P.ex., o mundo (*verbo*, sentido, *lógos*) escrever, pintar, navegar ou pescar, aparece, mostra-se como *muitos escreveres, pintares, navegares ou pescares...* Quer dizer, em si mesmo e desde si mesmo, tal como vida, este possível poder-ser ou possibilidade (mundo, *verbo*, sentido, *lógos*) se altera, se transforma, se diversifica ou se singulariza de diferentes maneiras, a cada passo e a cada hora vem a ser outro. Ela, a possibilidade (mundo, *verbo*, sentido, *lógos*), é sempre e a cada vez o “um que em si mesmo se diferencia, se altera, se transforma”. Isso, desde a fala reveladora de Heráclito, é a própria multiplicidade, ou seja, o devir, o jogo de tudo quanto aparece, dá-se, faz-se, há. Assim, originariamente, é preciso entender-se o homem como esta *abertura*, esta aptidão, propensão ou pré-disposição *de* e *para* abertura, aptidão, propensão ou pré-disposição (i.é, o mundo, o sentido, o *verbo* ou o *lógos*), ou seja, o homem, originariamente, é só e tão só possibilidade de e para possibilidade. A isso, a este modo de ser, que acima se procurou formular e explicar, a saber, o homem, a vida ou a existência humana, Kierkegaard denominou “a realidade da liberdade como possibilidade de/para possibilidade”⁶. Isto, esta formulação lapidada e lapidar, é que, acima, se tentou explicar, expor, decompor.

6. Cf. KIERKEGAARD, S., *Conceito de Angústia*, cap. I, § 5.

E isso quer, pois, dizer: o homem vem a ser homem, ele constitui-se ou determina-se como este ou como aquele homem (seja o João ou a Maria quaisquer, seja o ipssíssimo pintor, escritor ou artesão), como uma alma, um espírito, uma consciência ou como um corpo, mesmo no sentido de um fundo biopsíquico ou um lastro físico-químico, *sempre já a partir de uma possibilidade*, de uma força ou de um modo de ser (mundo, sentido, *lógos*) que sempre, necessariamente, *já se deu, já se abriu ou aconteceu* e que *usa o ou apropria-se do homem*, quer dizer, o ou do modo de ser ou aptidão para ser tal possibilidade de ser, para se fazer, para se expor, para se realizar ou se concretizar. É assim, usando o e apropriando-se do homem, isto é, deste modo de ser que é tão só possibilidade de ser tal ou tal possibilidade, que homem, cada um ou todo e qualquer homem, vem a ser homem, realiza-se, concretiza-se ou constitui-se como *este* ou como *aquele* homem singularíssimo, podendo assim, tardia ou epigonamente, mostrar-se como uma alma, ou um espírito, ou uma consciência, ou uma vontade, ou um corpo físico-biológico.

4. Esta compreensão subjaz à fala “a linguagem fala”. É, pois, seu sub-posto. Ou seja, o homem é homem e, ao mesmo tempo, o real é real porque um “mundo”, isto é, um sentido, um *lógos* sempre já aconteceu, sempre já se deu ou se interpôs. Isso, este modo de ser, caracteriza círculo, circularidade ou inserção, quer dizer, a estrutura ou a forma (=gênese ontológica) ser-no-mundo. Um fundo sem fundo ou abissal da vida, da existência humana, pois tal forma acontece, se dá ou se instaura *subitamente*. Salto. Desde e como salto, quer dizer, desde nada, súbita ou i-mediatamente – a-bys-salmente. Se, por um lado, este modo de ser define círculo, circularidade ou inserção, por outro, tal modo de ser define igualmente afeto, afecção, *páthos*.

Neste contexto, como fica a fala “a linguagem fala?” O que é falar? Falar não é entendido como mera sonorização, como uma pura e simples emissão de sons, como puro e simples funcionamento automático, mecânico de um aparelho fonador e, em seguida, como meio, instrumento para distribuir designações arbitrárias, a serviço de convencionais classificações. Seria pura e simples instrumentalização de alguma taxonomia. Falar, assim, seria um mero soprar, uma mera *sopração*, a serviço da manufatura, da confecção de tabelas.

Corriqueiramente, usa-se a expressão: “vir à fala”, “vem à fala”. E com isso entende-se um dizer, um mostrar, à medida que se fala, quer dizer, que se nomeia. Falar começa sendo um nomear, um dar nome. Nomear e, assim, dizer, isto é, mostrar, revelar. Mais adiante, será preciso mostrar, evidenciar, como e porque dizer é mostrar, revelar. Aqui, agora, cabe acolher que falar é também e até principalmente

nomear, dar nome. Em *A Gaia Ciência*, sob o número 261, Nietzsche pergunta: “O que é originalidade?” E responde: “Ver algo que ainda não tem nome, que ainda não pode ser nomeado, ainda que esteja diante de todos os olhos. Tal como os homens habitualmente são, o nome torna-lhes uma coisa visível. Os originais foram, na maior parte das vezes, também os nomeadores, os doadores de nomes – *die Namengeber*”.

Nomear, dar nome – *isso* é fazer, tornar visível. Mostrar. Como? A elucidação disso, que é a elucidação de dizer, corresponde à elucidação da afirmação “a linguagem fala”. A linguagem – e não o homem. Fazer ou tornar visível é trazer à presença (mostrar, iluminar) algo que estava ausente, não visto, não visível ou invisível. Como foi dito, *anônimo*, sem nome. Mas como?! Este falar, que é nomear, que é tornar visível ou trazer à presença, fazer mostrar-se – é *isso* mesmo o dizer. Dizer mostra, faz ou torna visível à medida que é a concretização do falar, isto é, do nomear, isto é, do trazer ao nome e à palavra, do fazer fazer-se ou tornar-se palavra.

Heidegger diz: “O nomear não reparte títulos, rubricas; não desperdiça palavras, mas chama à palavra. O nomear chama, evoca”⁷. Chamando, evocando, o nomear traz à presença, põe o chamado, o evocado aí diante de mim – mostra, revela. Chamando, evocando, o chamado ou evocado mostra-se, revela-se como tal, isto é, como esta ou como aquela coisa que é e tal como é. Tal como é, quer dizer, tal como aparece, se mostra. E pergunta-se: que é coisa, a coisa chamada, evocada? Que é o que quer que seja como tal? Coisa, toda e qualquer, sempre, ao ser ou aparecer como tal, é ou aparece como a determinação, melhor, como a concretização e diferenciação ou alteração do sentido (*lógos, mundo*) sempre já posto ou interposto. E é *isso*, a saber, o expor-se deste sentido, que é o fazer-se ou o concretizar-se (realizar-se) da própria linguagem, que sempre aparece ou se concretiza (realiza) como *isso* ou como aquilo (diferenciando-se, singularizando-se), ao ser chamado (o sentido), ao ser evocado à palavra – quer dizer, falando, nomeando. Este ser chamado à palavra, este falar e nomear é cumprimento da necessidade de sentido (*logos, mundo*), que é aparecer, mostrar-se, fazer-se visível. Assim é vida. É, pois, por esta via, seguindo este caminho, que o falar, o nomear, se faz dizer na e como palavra, ou seja, ele mostra, revela, faz ou torna visível. A linguagem fala, nomeia, faz-se palavra, quer dizer, diz, mostra, revela, faz ou torna visível. Enfim, dá-se, aparece.

No entanto, para que linguagem assim se realize, é preciso que se ouça a sua fala, isto é, o expor-se ou o realizar-se do sentido já interposto (*lógos, mundo*). Impõe-se

7. Cf. HEIDEGGER, M., op. cit. p. 15.

ouvir o dizer ou mostrar-se do sentido, do *lógos*, do *mun*do. É preciso pôr-se à escuta e à espera deste sentido, deste *lógos*. Então à espera e à escuta da linguagem. Este pôr-se à espera e à escuta é o modo como é preciso se entender todo o esforço de ajustamento, de afeiçoamento e de participação no sentido, no *lógos*. Em sentido amplo, por linguagem é preciso entender-se todo e qualquer possível sentido (*lógos*, *mun*do) no e do viver ou existir humanos e que, como tal sentido, se mostra, aparece ou se faz visível, isto é, vem à fala ou se faz... linguagem. É na e desde a disposição ou pré-disposição de escuta e de espera do sentido (*lógos*, *mun*do), que se fala, que se *pode* falar desde *lógos*, desde ou a partir de sentido. É isso mesmo falar de linguagem a partir da própria linguagem ou desde a experiência da própria linguagem. O ex-pôr-se de sentido, o seu aparecer e mostrar-se desde nada e para nada, o seu acontecimento gratuito e abissal – é isso mesmo o dar-se e o acontecer ou fazer-se de linguagem. E: “Ouvindo não a mim, mas o *lógos*...”⁸ E ainda: “Se não se espera o inesperado...”⁹

É da natureza do sentido, isto é, é constitutivo de sentido, de *lógos*, ex-pôr-se, isto é, aparecer, mostrar-se como tal e, assim, fazer-se, tornar-se linguagem. *Expor-se* quer dizer: irromper subitamente; de repente, desde nada emergir, *saltar*. É da natureza, é constitutivo, quer dizer, o ex-pôr-se ou aparecer e o sentido ou o seu modo próprio de ser são uma única e mesma coisa, um único e mesmo acontecimento ou ato. Como? Por que? Para que? Não tem porquê, não tem para quê. Assim é, dá-se, faz-se, há. Gratuito. Há, faz-se, dá-se, é.

Mas nisso tudo, em todo este contexto, como fica o homem? Ele não fala? Qual o seu lugar, o seu *papel*? Bucha?! Mero fole soprador? Não. Ele, por ser o único que é o e *no* modo de ser aberto, isto é, disposto, pré-disposto ou propenso ao dar-se e fazer-se, ao aparecer de sentido, de *lógos* ou de linguagem – sendo assim, ele é o que *pode* ser à escuta e à espera de sentido, para, desse modo, tornar-se o porta-voz, melhor, a *passagem* de sentido (de *lógos*, de mundo, de linguagem) que, assim e só assim, vem à fala, se faz dizer e, então, mostrar-se, aparecer, tornar-se visível e, então, *ser*. Foi dito: o homem *pode* pôr-se à espera e à escuta do sentido, do *lógos*. Só o homem *pode* isso. E só isso, a saber, este modo de ser, é que faz do homem, homem. Nisso e só nisso está a sua humanidade ou *hominidade*. Este poder, este poder-ser é uma possibilidade vital, existencial, ou seja, um poder-ser ou uma possibilidade própria, constitutiva de vida, de existência. O homem é essencial ou constitutivamente este

8. Cf. HERÁCLITO, fragm. 50.

9. Idem, fragm. 18.



modo de ser. E na vida ou existência humana tudo que se dá como possibilidade própria ou constitutiva – isso, sempre, *precisa ser*, quer dizer, não pode não ser ou não fazer-se, não realizar-se. Em outros termos, o que é possibilidade *vital ou existencial* de ser (diferentemente da mera e abstrata possibilidade lógica ou a contingência de alguma coisa, de algum algo), no e para o homem, *precisa fazer-se, tornar-se, acontecer ou vir-a-ser* para o homem cumprir seu destino (seu envio, sua história) de ser homem, para ele *crescer, aparecer e acumular-se* como o ente, melhor, como o modo de ser que ele é, a saber, homem. No nosso caso, o modo de ser, que é ser no envio, no destino, na história e na necessidade do dar-se e acontecer de sentido, de *lógos*, de linguagem.

O homem, porque *pode, precisa* pôr-se à escuta e à espera do sentido, da linguagem, para fazer-se um real, um autêntico *falante*; para tornar-se um autêntico dizer e não um mero fole soprador de tubo de órgão, quer dizer, um tagarela, papagueando e macaqueando sons, mastigador de taramelagem. Bafo, *flatus vocis*.

5. Se a própria linguagem fala, então, é preciso *deixar* a linguagem falar. É preciso *deixar* o sentido vir a ser sentido e, como tal, expor-se, realizar-se.

Visto de imediato, desatenta e descuidadamente, deixar evoca passividade, indiferença, negligência, descuido. Evoca um largar ou deixar de lado frouxo, abandonar à própria sorte em apatia e letargia. Coisa típica de preguiçoso. Algo que é expresso no “deixa ficar, deixa como está, para ver como fica!”

Não é assim, porém, que, aqui, *deixar* deve ser entendido. Aqui, deixar fala de um modo de ser que aponta para uma estranha tensão – a da espera e da escuta – que não é regida nem por ativo e nem por passivo. Sobretudo uma tensão, um modo de ser, que não é marcada(o) nem pela disjunção *ou* (ativo)... *ou* (passivo) e nem, muito menos, por uma mescla ou uma média entre os dois (ativo e passivo) e que se expressaria em alguma insólita síntese dialética, “um *pouquinho* ativo e (+) um *pouquinho* passivo”, por exemplo.

Deixa-se a linguagem falar quando se a ouve, quando nos pomos à sua escuta – e espera! Este ouvir, tal como Heráclito nos convida e convoca a ouvir o *lógos* (fragm. 50), aponta para a dimensão ou para o modo de ser *aberto* ao sentido (*lógos*), isto é, ao modo próprio do homem de ser apto ou propenso (disposto, predisposto) a ser tocado e tomado (afetado) pelo modo de ser (sentido, *lógos*) que vem à fala, isto é, que aparece, se mostra, se expõe, se faz visível, em se concretizando, em se realizando.

Sendo assim tocado e tomado (afetado) por *lógos*, por sentido, aquele que assim está ou fez-se tocado *por* e assim se põe à escuta (aberto ao) do sentido – este, pois,

deixa, isto é, faz-se porta-voz, *passagem*, e, assim, *intérprete*, *expositor* de tal sentido, à medida que se mostra ser o lugar e a hora do acontecimento, do expor-se de sentido, do realizar-se de *lógos*. Enfim, de linguagem, no seu espontâneo e essencial movimento de vir à luz, aparecer, fazer-se visível – vir à fala, à palavra.

Este deixar falar a linguagem, pois, se dá desde um ser ou estar todo e por inteiro tomado, tocado pelo sentido (todo partícipe e atento, à espera e à escuta), pelo *lógos* e, assim, então, *deixa*, quer dizer, *faz* com que ele venha à fala enquanto ele mesmo e nele mesmo. “Fazer com que” à medida que *deixa ser* – é um estranho e insólito fazer, que, já indicamos, não é marcado seja por ativismo (agente, autor, causa, sujeito), seja por passivismo (paciente, resultado, efeito), mas por ... *deixar ser* desde espera, escuta, consentimento, permissão. Enfim, fazendo-se, o homem, *passagem*. O homem é, sim, intérprete, mas intérprete enquanto e como *passagem*, desde e como um atento e cuidadoso deixar ser o sentido, o *lógos*, a linguagem.

Ouvir, deixar ser, é um despojamento e uma entrega, por parte do modo de ser que pode/precisa ser abertura *para* e participação *no* sentido – assim, ouvir e deixar ser é uma entrega despojada, largada, abandonada à transcendência, posto que o caráter de salto, de imediatidade e de sobrevir (sobreveniência, vir sobre, afeto) de sentido, de *lógos*, dá-lhe, ao mesmo tempo e como que no mesmo ato, a textura de transcendência, isto é, de ultrapassamento. Deixar-ser é largar-se, abandonar-se, pôr-se à mercê de... sentido, linguagem, transcendência. Este largar-se à própria coisa (sentido, *lógos*, linguagem, transcendência), a ela assim abandonar-se ou pôr-se à sua mercê e graça, aqui, agora, não é, como em outra configuração acima referimos, nada apático, indiferente, letárgico e, sim, um modo de ser, uma postura ou uma atitude *ligada*, *acesa* – é como o “à toa muito ativo”, que é a espera, segundo uma *passagem* de Guimarães Rosa¹⁰. A espera e a escuta. É um pôr-se e ficar como que à mercê de sentido, de linguagem e, então, fala à medida que deixa este sentido, esta linguagem falar. Este *deixar*, *vê-se*, é um extremo estado de tensão, onde não se pode ser ou querer nem demais e nem tampouco de menos; nem forte demais e nem frouxo, apático, mas de tal modo *aceso*, *ligado*, que *pode* fazer-se, tornar-se, deixar-se ser *passagem*. Lugar e hora de real, de sentido, de linguagem ser e acontecer.

O homem é o lugar e a hora da fala, do fazer-se fala ou discurso por parte do sentido, mas ele não é o autor, o agente, a causa ou o sujeito, seja do sentido, da linguagem, seja da fala, do expor-se e concretizar-se ou aparecer do sentido, da

10. Cf. ROSA, J. G., Orientação, em: *Tutaméia, terceiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976, p. 109.



linguagem. O homem, enquanto à escuta e à espera, faz-se o destinatário (e não o autor, o sujeito) do sentido e é assim, como destinatário, que ele é lugar e hora de sentido, de linguagem, enfim, de todo e qualquer real possível.

Deixar, aqui, tem tudo a ver com uma atitude de sintonizar-se e sincronizar-se com o sentido, que é o *tônus*, a força, e o *tempo*, o ritmo, a cadência de exposição do próprio sentido, da própria linguagem. Esta sintonização e sincronização – é isso mesmo a escuta. A escuta e a espera como o “à toa muito ativo”. Deixar ser é fazer com que (deixar! Fazer não fazendo!), estando e sendo à escuta e à espera, este que assim é ou está se torne *passagem*¹¹. Passagem ou lugar e hora deste acontecimento instaurador: a linguagem, o dizer, o aparecer no falar, no e desde o nomear. O salto, que é o abrir-se e impor-se de transcendência. E a fala que cresce e se faz desde e como escuta – escuta, espera, acolhimento e, assim, obediência – tal fala é poética. Não porque fale em versos, em rimas, em eflúvios e enlevos, mas porque é *pro-ductiva* (“poiesis”), isto é, pro-movedora e pro-criadora de sentido, de *lógos* – de real. Deixando ser, à escuta e à espera, tal fala pro-cria à medida que, deixando ser, move e pro-move (move adiante) o sentido realizador no seu expor-se, acontecer, instaurar-se, em se revelando, em se fazendo visível, em se realizando ou concretizando. E isso mesmo é criação, não como novismo intimista ou subjetivista, mas como alteração, diferenciação ou auto-superação, auto-ultra-passamento (auto-trans-cender-se) do mesmo, a saber, do *lógos*, do sentido, da linguagem.

6. A linguagem fala. Mas ela pode, ela precisa silenciar. Toda real e autêntica linguagem, toda real e autêntica fala silencia. Só há real, autêntica linguagem e fala onde há, dá-se, faz-se silêncio. Onde *pode* acontecer silêncio. E silêncio, por sua vez, só é possível desde autêntica fala, desde a fala que cresce e aparece desde e como escuta e espera. Isto é, desde onde acontece, dá-se sentido, *lógos*, linguagem. Silêncio não é emudecimento de pessoa, não é o calar de um sujeito falante. Consideremos, pois.

Sentido, linguagem, acontece tal como acontece *começo*, *arché*, pois, sentido, *lógos*, é *começo*, é *arché*. E *começo* começa não começando, não iniciando. *Começo* é irrupção súbita, salto. Assim é seu acontecimento, sua instauração. Assim é vida: salto, doação, gratuidade e, então, liberdade. E assim é origem, sempre, a cada passo, a originar-se, a re-originar-se e, então, re-inaugurar-se. Origem está sempre a falar da

11. À guisa de observação, digamos que este sintonizar-se, sincronizar-se, todo à escuta e à espera, assim deixando ser em se fazendo *passagem* – isso, precisamente isso é *corpo*. É a ação, a atividade de corpo se fazendo corpo. Corpo como escuta, espera, e, assim, experiência (afeto, *páthos*) e história (tempo) – esta articulação constitui o quadro, o horizonte fenomenológico *passagem*. O sentir, que é ver, que é perceber – *aisthesis*, que é *nous*.

sempre incoativa gênese, sem começo e sem fim, pois começo e fim não são medidas para este acontecimento. É só no âmbito de tal acontecimento que começo e fim, como inciar-se e findar-se, podem se dar, acontecer. O abissal, sem porquê e sem para quê – assim é todo começo, toda origem. Todo e qualquer sentido ou linguagem. Isso, este modo de ser ou esta *forma* (estrutura) perfaz, igualmente, a dimensão da transcendência do sentido. Salto, abissal, transcendência, doação e gratuidade (sem porquê e sem para quê) – *isso* perfaz a aura de silêncio, o halo da fala da linguagem, do concretizar-se ou expor-se de sentido, de todo e qualquer sentido.

Fala é eco, ressonância de sentido, de *lógos*, subitamente, de repentinamente, abissalmente, *quer dizer, livremente* instaurado, irrompido. A fala, esta e toda fala, enquanto tal ressonância, é sempre linguagem falando, sempre *lógos* vindo à fala, se realizando. Mas, em assim se fazendo e cumprindo, a fala é sempre *menos* do que é e do que *pode* a linguagem.

É preciso, porém, ter cuidado com este *menos*. No que fala, no que diz, tal como fala e diz – isto é, no que mostra e trás à luz, a linguagem se dá *toda*, enquanto e como *isso* e *nisso* que mostra e tal como mostra, ou seja, na singularidade ou na individualização do real concretizado nisso ou naquilo, como *isso* ou aquilo dito, mostrado. Mas o sentido, a linguagem, *sempre pode mais*, pois ele ou ela é fonte, gênese. E fonte é sempre fartura, sempre superabundância. Fonte, quer dizer, vida que nasce, que brota de si mesma e, assim, se auto-gera. Seu ser desde e como salto (portanto, desde e como nada), abissalidade, põe e impõe *isso*, a saber, auto-geração. Este *mais* é insondável, incontável, in-enumerável – porém não infinito, no sentido do indefinidamente sem fim, interminável. Insondável, in-enumerável, mas não infinito, pois este *mais* vai só e tão só até onde vai, até onde *pode* (ir) o limite do sentido instaurado, a saber, o horizonte da linguagem ou do *lógos* irrompido. Todo sentido, todo *lógos*, é limite, é finito – fartura, abundância e superabundância no limite, no finito, que é o horizonte, a dimensão possível, instaurada, irrompida. Todo e qualquer sentido, todo e qualquer *lógos*, então, toda e qualquer linguagem, é finitude e limite na fartura, na abundância e superabundância de seu poder-ser inesgotável, enquanto e como horizonte, dimensão possível.

Escuta e espera são capazes de entrever, entreouvir este *mais* retraído e, então, tal escuta e tal espera são também escuta ao silêncio, ao retraído, e espera pela presença desta ausência. A fala intensa, *cheia*, poética – isto é, a fala que realmente diz, mostra ou torna visível –, que é a fala que se faz desde e como escuta e espera (obediência, entrega, participação, seguimento), esta fala está, estará sempre trazendo à presença



a ausência, o retraído, *como* ausência, *como* o retraído, ou seja, *como fartura*, como superabundância, *sobra e*, então, *promessa* de vida. Enfim, *fartura* e *promessa* de ser e de acontecer na festa epifânica e hierofânica do falar da linguagem, do acontecer de origem. Sempre fala de silêncio. Desde, a partir de silêncio. Este silêncio, que assim trás sempre à presença esta ausência como tal ausência ou como a *fartura* do retraído, do recolhido – este silêncio, *todo* promessa e insinuação, é o futuro, pois é todo o *passado*, à medida que é o sempre já sido de origem, da fala da linguagem sem porquê e sem para quê. Inútil. Inútil e necessária, como tudo que é grande e nobre e digno.

O silêncio, portanto, é a presença do insondável do sentido, da linguagem, de sua irrupção súbita, gratuita, livre, transcendente. Doação. Pura doação. Onde há, onde e quando se faz silêncio, quer dizer, na linguagem autêntica ou na fala que fala desde silêncio, este acontecimento gratuito, abissal, livre e transcendente é sempre celebrado, festejado, *isto é*, lembrado. Tal fala é sempre memória deste imemorial, quer dizer, recordação de nada, do gratuito, do absoluto, como pura doação. Assim, desta maneira, evidencia-se sempre o mistério da linguagem. Mas, observe-se, para nos salvaguardar de misticismo profundo, tal mistério é sempre superfície. Por isso, alegria. Leveza. Sempre a graça da superfície do abismo. Sempre a superfície que se faz, que se torna o abissal, à medida que é recordado, festejado, lembrado – *visto* como tal, ou seja, como presença ausente, como ausência presente. O mistério da linguagem é, pois, o abismo irrompido como abismo, quer dizer, a irrupção do a-byssos como tal. E isso é, sim, superfície. O mistério é esta pele do abissal. E isso, de novo, é alegria, uma grande alegria. Leveza.

Importante é que mistério, todo real e autêntico mistério, não é nada profundo, nada ilimitada e infinitamente pro-fundo. Fosse assim e tudo, e todo mistério ficaria indefinidamente adiado, infinitamente protelado. Linguagem, a linguagem que realmente fala, que se deixa a si mesma que se faça e que aconteça como linguagem, é sempre repetição, sempre retomada do mistério da linguagem, quer dizer, do silêncio. Este silêncio é, será sempre a volta do e ao sentido. Portanto, volta, retomada e, assim, reconquista ao e do fundo sem fundo, ao e do fundamento sem fundamento. Doação. Graça. E gratidão. E alegria. O silêncio permite, possibilita uma tal repetição, uma tal retomada. Enfim, uma tal revitalização. Para tanto, porém, é preciso sempre já escuta, disposição de escuta. Escuta e espera. Sempre na e sempre à disposição de espera e de escuta – do sentido, da linguagem, do rumor do silêncio.

